

REQUERIMENTO Nº , DE 2014

(Do Sr. Alex Canziani e Sra. Iara Bernardi)

**A Frente Parlamentar Mista da Educação
requer a realização pela Comissão de
Educação do “Seminário Internacional de
Inteligência Emocional” para discutir os
seus impactos nas escolas.**

Senhor Presidente,

A Frente Parlamentar Mista da Educação requer nos termos do art. 117, combinado com o art. 255 do Regimento Interno desta Casa, a realização pela Comissão de Educação de “Seminário Internacional de Inteligência Emocional” para discutir as abordagens da emoção, da inteligência e os seus impactos nas escolas.

Justificativa

A Frente Parlamentar Mista da Educação solicitou a realização pela Comissão de Educação do **Seminário Internacional de Inteligência Emocional** para discutir as abordagens da emoção, da inteligência e os seus impactos nas escolas, considerando “a necessidade da construção de um novo sistema educativo que supere a clássica oposição entre razão e emoção, cognição e afetividade”.

O Seminário Internacional sobre Inteligência Emocional visa atualizar, intercambiar estudos, pesquisas, programas e projetos entre educadores, gestores, instituições públicas e privadas na área da educação, visando entender e avançar na implementação de propostas pedagógicas nas escolas brasileiras, que integrem os conhecimentos cognitivos e dramáticos assegurando uma educação bem sucedida e integral.

Pretendemos discutir a ideia de que a Inteligência Emocional está relacionada à vida pessoal e à vida privada das pessoas e deve ser introduzida no trabalho educativo, perpassando os conteúdos de matemática, de língua, de ciências, etc.

Estamos certos da urgência da superação de interpretações feitas a partir de crenças arraigadas em nossa cultura, que consideram a inteligência e a afetividade dicotômicos e/ ou separados, no processo de construção do conhecimento. Assim é que a educação tradicional e os currículos escolares, ao trabalharem de maneira puramente cognitiva a matemática, a língua, as ciências, a história, etc., acabam por priorizar apenas um desses aspectos constituintes do psiquismo humano, em prejuízo do outro - ou dos outros-. (MORENO, 1998)

Lamentavelmente os conteúdos curriculares tradicionais vêm servindo à promoção para ingressar na universidade, mas parecem não nos auxiliar a enfrentar os males de nossa sociedade ou os conflitos de natureza ética que vivenciamos no cotidiano, como afirma a educadora Valéria Amorim Arantes.

Ela citando Moreno, 1998, lembra que se recorrermos à epígrafe utilizada, em que Ashley Montagu afirma "Nenhum ser humano nunca nasceu com impulsos agressivos ou hostis e nenhum se tornou agressivo ou hostil sem aprendê-lo, temos de admitir que, se vivemos momentos de intensa violência, em algum momento da história, tal violência foi, por nós, construída, aprendida.

Visamos com esse Seminário Internacional poder avançar nas discussões que apontam para a articulação das relações intrínsecas entre cognição e afetividade, no campo da educação.

As relações e os conflitos interpessoais do cotidiano, com os sentimentos, pensamentos e emoções que lhes são inerentes, exigem de nós autoconhecimento e um processo de aprendizagem para que possamos enfrentá-los adequadamente.

Nesta perspectiva, consideramos, por um lado, que os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objetos de conhecimento, posto que tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos.

Assim, sem abrir mão dos conteúdos tradicionais da escola devemos abordar com igual importância os conteúdos de natureza afetiva, entendendo-os como objetos de conhecimentos para a vida dos estudantes, da mesma forma que a matemática e a língua são vistas como objetos de conhecimento a serem aprendidos.

A oposição entre razão e emoção, cognição e afetividade foi objeto de discussão de Filósofos como Platão que definiu como virtude a liberação e troca de todas as paixões, prazeres e valores individuais pelo pensamento considerado, por ele, um valor universal. Descartes que criou a famosa afirmação - "Penso, logo existo"-, sugeriu a possibilidade de separação entre razão e emoção ou, o que seria mais adequado, assumiram implicitamente uma hierarquia entre tais instâncias do raciocínio humano, em que o pensamento tem valor supremo. Nessa mesma direção, Immanuel Kant, na obra *Fundamentação da metafísica dos costumes* (1786), nos advertiu sobre a impossibilidade do encontro entre razão e felicidade, quando afirmou que "quanto mais uma razão cultivada se consagra ao gozo da vida e da felicidade, tanto mais o homem se afasta do verdadeiro contentamento". Kant considerava, ainda, as paixões como "enfermidades da alma". Tais reflexões denotam, também, como Kant estabelecia uma hierarquia entre a razão e as emoções." Somente entre os séculos XIX e XXI ocorreram rupturas sobre a compreensão do funcionamento psíquico humano. Essas rupturas ocorreram a partir dos estudos epistemológicos do biólogo suíço Jean Piaget (1896-1980). Podemos afirmar que ele foi o primeiro autor a questionar as teorias que tratavam a afetividade e a cognição como aspectos funcionais separados. Para isso, Piaget publicou um artigo de um curso que ministrou na Universidade de Sorbonne (Paris) no ano acadêmico de 1953-54, "Les relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le développement de l'enfant", ali, o autor nos advertiu sobre o fato de que, apesar de diferentes em sua natureza, a afetividade e a cognição são inseparáveis, indissociadas em todas as ações simbólicas e sensório-motoras. Ele postulou que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade.

No campo da psicologia tivemos as extraordinárias contribuições do psicólogo Lev Semenovitch Vygotsky (1896-1934) que também tematizou as relações entre afeto e cognição, postulando que as emoções integram-se ao funcionamento mental geral, tendo uma participação ativa em sua configuração. Henri Wallon (1879-1962), filósofo, médico e psicólogo francês, trouxe contribuições significativas acerca da temática. Wallon reconheceu na vida orgânica as raízes da emoção. Interessado em compreender o psiquismo humano, Wallon se debruçou sobre a dimensão afetiva, criticando vorazmente as teorias clássicas contrárias entre si, que concebem as emoções ou como reações incoerentes e tumultuadas, cujo efeito sobre a atividade motora e

intelectual é perturbador, ou como reações positivas, cujo poder sobre as ações é ativador, energético.

Outro autor, ligado ao campo da neurologia, que também compartilha da premissa de que os processos cognitivos e os processos afetivos são indissociáveis é Joseph LeDoux. Segundo LeDoux (1993;1999), o sistema da amígdala ministra a memória emocional inconsciente, enquanto o hipocampo proporciona a memória consciente de uma experiência emocional. Sendo assim, o autor postula que os sentimentos e os pensamentos conscientes são parecidos e que ambos são gerados por processos inconscientes, e que a influência das emoções sobre a razão é maior do que a da razão sobre as emoções. Mas voltemos, então, para o campo da psicologia.

O psicoterapeuta americano Greenberg (1993;1996) também nos adverte sobre a intrínseca relação entre cognição e emoção quando se refere aos chamados esquemas emocionais: ". Como LeDoux, Greenberg parece compartilhar da tese de que o afetivo estabelece os problemas para que o cognitivo os resolva.

Nessa perspectiva, o neurologista Antônio R. Damásio, em sua notável obra O erro de Descartes (1996), postula a existência de uma forte interação entre a razão e as emoções, defendendo a ideia de que os sentimentos e as emoções são uma percepção direta de nossos estados corporais e constituem um elo essencial entre o corpo e a consciência.

É impossível não fazermos referência, ainda, à perspectiva de Howard Gardner e de sua equipe da Universidade de Harvard, muito em voga nos dias atuais, que, partindo do pressuposto de que o ser humano desenvolve diferentes funções intelectuais, apregoa a ideia das "inteligências múltiplas", contrapondo-a à da inteligência como uma função única. Sem entrarmos no mérito da quantificação da inteligência posta por tal enfoque, parece-nos relevante o paradigma colocado por estes estudiosos que pressupõe a substituição da percepção simplista do ser humano, por uma visão de que as pessoas são dotadas de ampla diversidade de competências e linguagens.

Gardner postula que a inteligência é uma atitude que se expressa por meio de sistemas simbólicos diferentes, e isso supõe uma clara ruptura com a ideia de inteligência como entidade única e abstrata. Dentro dessa linha, salientamos,

especialmente, o grande impacto e sucesso obtido pelo trabalho de Daniel Goleman, intitulado Inteligência emocional.

Por fim e a título de encerramento, recorremos a uma afirmação de Moreno (1998): "Integrar o que amamos com o que pensamos é trabalhar, de uma só vez, razão e sentimentos; supõe elevar estes últimos à categoria de objetos de conhecimento, dando-lhes existência cognitiva, ampliando assim seu campo de ação."

A preocupação em superar as tradicionais dicotomias entre razão e emoções e entre as dimensões cognitiva e afetiva do funcionamento psíquico humano pode ser identificada nos relevantes estudos da Psicologia, da Neurociência, da Filosofia, da Psiquiatria e mais destacadamente no campo da neurologia.

Destaca-se a vasta literatura existente sobre os fatores de risco, desenvolvimento infantil, orientação vocacional que necessitam incluir os fatores de proteção, com a mesma ênfase dada aos fatores de risco, visando promover a resiliência e uma vida mais integral e saudável.

Alguns desses estudiosos chegam a propor um verdadeiro rompimento com a concepção- tão familiar a todos nós- que atribui ao desenvolvimento do intelecto, dos aspectos cognitivos e racionais, um lugar de destaque na educação, desprezando os aspectos emocionais e afetivos de nossa vida a um segundo plano.

Trabalhar pensamentos e sentimentos - dimensões estas indissociáveis - requer dos profissionais da educação a disponibilidade para se aventurarem por novos campos de conhecimento e da ciência para darem conta, minimamente, de realizarem as articulações que a temática solicita. Eis uma nova e difícil empreitada, que exige coragem para enfrentarmos o desafio posto: buscar novas teorias e abrir mão de verdades há muito estabelecidas em nossa mente. Desafio salutar para o avanço da educação.

Sala das sessões, em 16 de Julho de 2014.

Deputado ALEX CANZIANI

PTB/PR

Presidente da Frente Parlamentar da Educação

Deputada IARA BERNARDI

PT-SP